



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE – ICS**  
**PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**  
**BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

**OTEKMI KUNUPIRA WAI WAI**

**O *XKMARI* WAI WAI: PRODUÇÃO DE RALADORES PELAS ANCIÃS NA ALDEIA  
MAPUERA**

**SANTARÉM-PA**

**2021**

**OTEKMI KUNUPIRA WAI WAI**

**O *XKMARI* WAI WAI: PRODUÇÃO DE RALADORES PELAS ANCIAS NA  
ALDEIA MAPUERA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia para obtenção de grau de Bacharel em Arqueologia, da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, Instituto de ciências da Sociedade – ICS.

Prof. Me. Vinicius Honorato de Oliveira

**SANTARÉM-PA**

**2021**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/ UFOPA**

---

W145x Wai Wai, Otekmi Kunupira

O Xkmari Wai Wai: produção de raladores pelas anciãs na Aldeia Mapuera. /  
Otekmi Kunupira Wai Wai. – Santarém, 2021.

59 p.: il.

Inclui bibliografias.

Orientador: Vinicius Honorato de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do  
Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia,  
Bacharelado em Arqueologia.

1. Xkmari. 2. Wai Wai. 3. Etnografia. I. Oliveira, Vinicius Honorato de, *orient.*  
II. Título.

CDD: 23 ed. 305.8098115

---

**OTEKMI KUNUPIRA WAI WAI**

**O XKMARI WAI WAI: PRODUÇÃO DE RALADORES PELAS ANCIÃS NA  
ALDEIA MAPUERA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia para obtenção de grau de Bacharel em Arqueologia, da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, Instituto de ciências da Sociedade – ICS.

Conceito: Nove (9)

Santarém-PA, 02 de setembro de 2021.



---

Prof. Me. Vinicius Honorato de Oliveira - UFOPA



---

Profa. Dr. Camila Pereira Jácome - UFOPA



---

Me. Igor Morais Mariano Rodrigues – USP

- *Dedico este trabalho primeiramente, a Deus, pela proteção que tem me dado sempre nessa vida.*
- *Aos meus queridos pais pelo apoio nessa jornada da minha vida.*
- *À minha querida esposa por estar ao meu lado em todos os momentos difíceis e alegres da minha vida.*
- *À minha linda filha por ser o incentivo na minha vida.*

## **AGRADECIMENTO**

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso contou com ajuda de várias pessoas, dentre as quais quero primeiramente agradecer ao nosso criador por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

À UFOPA, aos meus professores, à direção e administração que oportunizaram a nós indígenas uma oportunidade de ter um ensino superior.

Ao meu professor orientador, Vinícius Honorato de Oliveira, que durante esses meses de orientação me acompanhou, dando todo o auxílio necessário para elaboração e correções do projeto.

A todas as guerreiras Wai Wai que participaram da pesquisa, pela colaboração, disposição no processo de obtenção de dados desta pesquisa.

Ao meu pai Kunupira Wai Wai e minha mãe Ruti Wai Wai, pelos incentivos, pelos conselhos, pela ajuda nos momentos difíceis, por não me permitir desistir deste objetivo e por acreditarem em mim.

À minha companheira, Tainara Kirixi Munduruku, pela força, compreensão, paciência, apoio, incentivo nos momentos difíceis da minha vida.

Aos meus abençoados filhos, que são um grande incentivo e alegria na minha vida.

Aos meus amigos, pela compreensão das ausências e pelo afastamento temporário.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Pesquisar é acordar para o mundo”.

(LAMY, MARCELO)

## RESUMO

O presente trabalho trata da importância arqueológica da produção dos *xkmari* (raladores mandioca) feitos pelas mulheres indígenas da aldeia Mapuera. A partir disso, mostrar a importância e a valorização desse trabalho das indígenas que até hoje produzem os raladores na aldeia Mapuera. Nosso objetivo é mostrar como é o processo de produção, os materiais utilizados, os significados do *xkmari*, além de apresentar as mulheres indígenas que ainda produzem esse item. A pesquisa mostra que a produção de um *xkmari*, envolve materiais não perecíveis, porém, também, envolve uma série de outros materiais, majoritariamente perecíveis, como madeira, resina e pigmentos. Etnografias feitas com o povo Wai Wai mostram que os *xkmari* tinham grande valor nas redes de troca do norte amazônico e apresentam informações acerca do processo de produção e significados dos *xkmari* que nos ajudam a pensar sobre a produção atual das mulheres indígenas da aldeia Mapuera.

Pretendemos, então, contribuir para a valorização do trabalho dessas mulheres nas produções de *xkmari*.

Palavras-chave: *Xkmari*. Wai Wai. Etnografia.

## ABSTRACT

This work deals with the archaeological importance of the *xkmari* (cassava graters) made by the Wai Wai women, from the production of these items. From this, show the importance and appreciation of this work by the indigenous people who until today practice the production of graters in the village. The focus of the analysis is the *xkmari* produced by the indigenous people in the Mapuera village. In order to show how the production process is, the materials used, the meanings of *xkmari* and the Wai Wai who still practice production. Research shows that the production of an *xkmari* involves less perishable materials, however, it also involves a series of other materials, mostly perishable, such as wood, resin and pigments. Ethnographies made with the Wai Wai people show that the *xkmari* were of great value in the exchange networks of the northern Amazon and present information about the production process and meanings of the *xkmari* produced by the Wai Wai women.

We intend, therefore, to contribute to the appreciation of the work of indigenous women in the production of *xkmari*.

Keywords: *Xkmari*. Wai Wai. Ethnography.

## POI CEKATÎMTÎKAXÎ

Oroto ketapickacho eroxixa poko pahxan tooto poko kehcamhokacho xkmari citopo poko (xeere cihtopo) woosam komo nirirî me nai mapuera po. Oroto enpotopo ero xixa me woosam komo yetapickacho oroto rma nai xkmari citopo Mapuera po. Amna ya enpotopo ahcewa cisom mîkro, ahcewai kom ixex nai, xkmari ahcewai me nai, woosax kom ya yîhtînotopo ekatîmtoopo citopo poko. Pesquisa ñenpesî xkmari citopo, miya rma ahcena kom ceipuro kom, yohno cehson marha, weewe, ahkoromacho, yîspomacho. (Kehcamhokacho tkmewreso (etnografias) wai wai yanan poko xkmari xakñe anarî kom ya tîmsom me esemtakan me yasî kanahtaw comotaymo chew ero ñekatiomya xkmari citopo poko, xkmari poko ehtopo kom akronomano nira esehtînotopo poko citopo woosam komo ya yîhhtînotopo ewto Mapuera po.

Eroke cma re nukmesî onî woxam kom ya xkmari citopo poko.

**Tapota yewkacho:** Xkmari. Wai Wai. Kehcamhokacho tkmewreso.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Família Wai Wai.....	16
Figura 2 – Mapa da rede de trocas Wai Wai (1985) .....	18
Figura 3 – Mapa com a Localização das três Terras Indígenas do povo Wai Wai.....	20
Figura 4 – Mapa da T.I Nhamundá/Mapuera.....	21
Figura 5 – Mapa da Terra Indígena Trombetas/Mapuera.....	22
Figura 6 – Mapa da Terra Indígena Wai Wai.....	23
Figura 7 – Ralador do Povo Ye'kuana.....	27
Figura 8 – Ralador do Povo Ye'kuana.....	28
Figura 9 – Ralador do povo Baniwa.....	29
Figura 10 – Ralador do povo Baniwa.....	29
Figura 11 – Ralador do povo Mehinako.....	30
Figura 12 – Ralador do povo Mehinako.....	30
Figura 13 – Ralador do Povo Enawenê-Nawê.....	31
Figura 14 – Ralador do Povo Enawenê-Nawê.....	31
Figura 15 – Ralador de mandioca do povo indígena Galibi Kali'na.....	33
Figura 16 – Ralador de mandioca do povo indígena Galibi Kali'na.....	34
Figura 17 – Mãos de uma indígena fazendo ralador.....	40
Figura 18 – Ferramenta para quebrar as rochas em pedaços.....	41
Figura 19 – Ferramenta para quebrar as rochas em pedaços.....	42
Figura 20 – Ferramentas utilizadas para fazer os buraquinhos.....	43
Figura 21 – Ferramentas utilizadas para fazer os furos para incrustar os dentes na tábu. 43	
Figura 22 – <i>Xkmari</i> yepu (pé de ralador) .....	44
Figura 23 – Tronco do pé de ralador.....	45
Figura 24 – Tábu já pronto para ser utilizada na produção do <i>xkmari</i> .....	46
Figura 25 – Tábu já pronto para ser utilizada na produção do <i>xkmari</i> .....	46
Figura 26 – Desenho não identificado na tabua.....	47
Figura 27 Desenho do dente – de jacaré na tabua.....	48
Figura 38 – Ralador com linhas losangulares sendo incrustado .....	55
Figura 39 – <i>Xkmari</i> com dentes incrustados .....	56
Figura 40 – Wai Wai extraindo Resina do pé de <i>osohku</i> .....	57
Figura 41 – Árvore <i>osohku</i> .....	57
Figura 42 – Urucum .....	58

Figura 43 – Resina misturado com urucum .....	58
Figura 44 – Palha .....	59
Figura 45 – Palha queimado .....	59
Figura 46 – Mistura de palha com resina .....	60
Figura 47 – <i>Xkmari</i> Wai Wai.....	60

## LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil das indígenas colaboradoras .....	35
Quadro 2 – Perguntas feitas para as anciãs .....	36

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>Coleta de Dados .....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>HISTÓRIA DO POVO WAI WAI .....</b>	<b>19</b>
<b>3.1</b>	<b>Terra Indígena Nhamunda/Mapuera .....</b>	<b>23</b>
<b>3.2</b>	<b>Terra Indígena Trombetas/Mapuera.....</b>	<b>24</b>
<b>3.3</b>	<b>A diversidade das atividades realizadas pelos Wai Wai nas aldeias.....</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>RALADORES EM OUTRAS CULTURAS .....</b>	<b>27</b>
<b>4.1</b>	<b>Raladores indígenas e as formas de fabricação .....</b>	<b>28</b>
4.1.1	O ralador do povo Ye'kuana .....	28
4.1.2	O ralador do Povo Baniwa .....	29
4.1.3	O ralador do povo do Mehinako .....	30
4.1.4	O ralador do povo Enawene-nawe(Anuak) .....	31
<b>5</b>	<b>RESULTADO DAS PESQUISAS DE CAMPO.....</b>	<b>35</b>
<b>5.1</b>	<b>Análises das entrevistas individuais .....</b>	<b>36</b>
<b>5.2</b>	<b>Saberes e produção material: o <i>xkmari</i> .....</b>	<b>39</b>
5.2.1	A fabricação dos <i>xkmari</i> .....	40
5.2.2	Processo da fabricação do <i>xkmari</i> .....	42
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>54</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa foi realizada com as mulheres indígenas Wai Wai que produzem raladores na aldeia Mapuera, localizada no Território Nhamundá-Mapuera no município de Oriximiná – Pará. Os Wai Wai são um povo falante de língua do tronco Karib e são reconhecidos historicamente como especialistas não só no fornecimento de sofisticados raladores de mandioca, papagaios falantes e cães de caça como também por serem grandes viajantes. São reconhecidos até nos dias atuais pelas suas expedições em buscas de *enîhnî komo* (povos isolados ou não vistos). Através dos processos seculares de troca e de redes de relações, os Wai Wai foram se constituindo na região. (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2006).

Nós indígenas dedicamos grande parte do tempo em atividades relacionadas à alimentação, elaboração de ferramentas e utensílios necessários para realizar as tarefas do dia a dia como pescar, caçar, coletar produtos silvestres, etc. O *xkmari* (ralador) é um utensílio importante na vida do meu povo Wai Wai. Isso por ser um utensílio muito utilizado para o processamento da mandioca e outros alimentos.

*Xkmari* é como é chamado o ralador de mandioca confeccionado pelo meu povo. Esse utensílio tem uma grande importância nas aldeias indígenas do rio Mapuera porque com ele ralamos vários alimentos e principalmente a mandioca para fazer a nossa farinha, um alimento muito consumido por quase todos os indígenas. O *xkmari* já existe há muito tempo, desde que meu povo ainda era conhecido como “isolado”, sem contato com não indígenas. O *xkmari* é feito nas aldeias pelas mulheres. Devido à fabricação deste utensílio, é possível ver incontáveis vestígios; líticos lascados em volta e dentro da casa.

O interesse com este tema surgiu com o propósito de mostrar a importância que os *xkmari* tem para o meu povo Wai Wai. O conhecimento sobre a confecção do *xkmari* foi passado de geração em geração deixada pelos nossos antepassados. Assim, nesse trabalho buscarei mostrar os significados que os raladores carregam e quem são as indígenas que ainda produzem os raladores nas aldeias, além de descrever detalhadamente as ferramentas que são utilizadas na produção do *xkmari*.

Diante de muitas transformações, mudanças no cenário atual e com a morte de nossos anciãos sofremos grandes perdas dos nossos conhecimentos tradicionais. Isso me fez refletir sobre a necessidade de mostrar o trabalho das mulheres indígenas especialistas nas sofisticadas produções de raladores de mandioca repassados de geração em geração e descrever sobre as

ferramentas utilizadas para confecção dos *xkmari*. Assim, fortalecendo e deixando registrado a cultura do meu povo Wai Wai para as futuras gerações.

Assume-se como objetivo deste estudo a importância dos raladores produzidos pelas mulheres indígenas e apresentando com riqueza de detalhes as ferramentas utilizadas para sua confecção na aldeia Mapuera. Através disso, buscou-se: a) apresentar as ferramentas utilizadas para a confecção dos *xkmari*; b) conhecer os perfis das indígenas que praticam a confecção dos raladores, identificando pontos como: nome, idade e etnia; c) identificar as informações através de registro histórico do povo Wai Wai sobre o *xkmari*; d) identificar como foi repassado os ensinamentos a elas sobre a produção dos raladores.

Este trabalho de pesquisa está dividido em seis etapas:

Na **primeira etapa** teremos a introdução de todo o trabalho, onde aponto meus motivos para realização da pesquisa, a escolha do meu lócus de estudo, bem como a problemática e os objetivos da pesquisa. É um breve panorama sobre o conteúdo da pesquisa.

Na **segunda etapa**, ocorre a descrição das contribuições metodológicas da pesquisa abordando o tipo e o contexto da pesquisa feita, procedimentos de análise dos dados, estratégias de entrevista e número de entrevistas realizadas para este trabalho.

A **terceira etapa** apresenta o meu povo Wai Wai, tratamos da história da etnia, organização social, localização e como se deu o contato com os não indígenas.

A **quarta etapa** mostra uma abordagem sobre os pressupostos teóricos sobre as atividades praticadas pelos indígenas nas aldeias do rio Mapuera e apresentação de diferentes categorias de raladores existentes até chegar aos dados da referida pesquisa realizada na aldeia Mapuera.

Na **quinta etapa** é feita uma análise da pesquisa, apresentando os principais resultados, mostro a importância das confecções, os significados dos desenhos e apresento as mulheres que são responsáveis pela produção dos *xkmari*.

Por fim, a **sexta etapa** apresenta de forma sucinta as considerações finais da pesquisa.

## 2 CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa exploratória, que envolve o levantamento bibliográfico feito através de artigos, revistas, utilizando fontes primárias,

secundárias e terciárias de informação já publicados e disponíveis em bibliotecas e na internet que abordam o tema da pesquisa. De acordo com Gil (2008):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas. (Gil, 2008, p. 27)

Por ser uma pesquisa específica, podemos dizer que ela assume a forma de pesquisa de estudo de caso. Onde o estudo consiste de um único objeto ou de poucos objetos (um caso particular), no caso aqui tratado, uma categoria específica dos utensílios domésticos produzidos pelo povo Wai Wai, o *xkmari*.

Já na pesquisa de natureza descritiva, busca-se reunir informações gerais acerca do objeto estudado para detectar e descrever como são feitos os raladores pelas mulheres na aldeia. Segundo Gil (2008), “a pesquisa descritiva possui como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência”. Essa pesquisa descreve um fenômeno ou processo nos mínimos detalhes e sua principal característica está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Utilizou-se também a etnoarqueologia utilizando os dados etnográficos para interpretação do contexto arqueológicos sobre a produção do *xkmari*. De acordo com Fabíola Silva (2011, p. 122) a “etnoarqueologia é uma especialidade da arqueologia que estuda sociedades contemporâneas para testar hipóteses, formular modelos interpretativos e teorizações sobre a relação entre as pessoas e o mundo material.”

A investigação etnográfica feita através da observação participante que pode caracterizar-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas, ou pela não intervenção do pesquisador sobre o ambiente pesquisado. Para Severino (2007, p. 120), a pesquisa participante é

Aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistêmica e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades.

Na parte da observação foi utilizado a coleta dados por meio da participação na vida cotidiana das indígenas estudadas. Fazer parte da comunidade que estou estudando, facilitou e possibilitou o rápido acesso a dados e esclarecimentos sobre as confecções dos raladores pelas mulheres indígenas na aldeia<sup>1</sup> Mapuera.

## 2.1 Coleta de Dados

Para efeito de elaboração dessa pesquisa, foram utilizados os seguintes procedimentos: aplicação de questionário, entrevistas e a técnica de observação participante para possibilitar a coleta de dados que não se encontram em fontes documentais.

Nessa pesquisa foram utilizadas majoritariamente os dados primários (colhido diretamente na fonte), na qual a coleta se deu através de entrevista com as indígenas que ainda produzem raladores na aldeia. A pesquisa foi feita nos meses de janeiro e fevereiro de 2019 na aldeia Mapuera, município Oriximiná-Pará.

No campo os instrumentos utilizados foram uma caderneta para escrever informações, celular para gravação do áudio que posteriormente foi transcrito da língua Wai Wai para o português e câmera de celular para tirar fotos dos trabalhos das indígenas para a pesquisa e fazer vídeos. As fotos e vídeos foram produzidas com a autorização delas.

A primeira tarefa foi identificar as moradoras da aldeia Mapuera que ainda sabem confeccionar raladores. A identificação delas foi através da convivência. Faz-se importante ressaltar que todas as informações obtidas por meio da entrevista foram tratadas com sigilo, não implicando em qualquer divulgação entre os participantes. Selecionou-se cinco mulheres indígenas da aldeia Mapuera: uma do povo Wai Wai, uma do povo Mawayana, uma do povo Xereu, uma do povo Katwena e uma do povo Tiriyo para se fazer a entrevista. Nessa pesquisa foi utilizada uma guia, as entrevistas realizadas de forma semi-estruturada baseada em um roteiro com as mesmas perguntas para todas as entrevistadas seguindo um roteiro de perguntas, anotando, de forma clara, as respostas de cada candidata indígena. As perguntas serviram como guia para as entrevistas, mas durante os contatos, desenvolvemos as conversas de forma livre, com durações de horas. O roteiro, assim, não foi seguido de forma totalmente igual em cada entrevista embora todas as mulheres entrevistadas tenham respondido com detalhamento diversos a todas as perguntas.

---

<sup>1</sup>Levi Marques Pereira e Jorge Eremites de Oliveira (2009) nos esclareceram que o termo “aldeia” usados pelos não indígenas, referindo ao local onde o grupos indígenas Wai Wai vivem, era originalmente utilizado para designar pequenos vilarejos e/ou distritos rurais, especialmente na Europa

### 3 HISTÓRIA DO POVO WAI WAI

Os Wai Wai são um povo de língua e cultura Karib, sua população atualmente pode chegar a três mil pessoas. Ocupam três terras indígenas no Brasil: TI Trombetas-Mapuera, TI Nhamundá-Mapuera e TI Wai Wai. Existem aqueles que vivem ainda em aldeias na região sul da Guiana, fora do Brasil.

O nome “Wai Wai” na língua dos Wapixana significa “tapioca”. Assim, eles se referiam a esse grupo em estudo por causa da sua pele mais clara. Depois foi adotado por viajantes e missionários.

Figura 1 – Família Wai Wai



Fonte: Foto: Yves Billon, 1971. <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Waiwai>

“A etno-gênese Waiwai constitui – [...] – um complexo de relações entre visões sobre estas comunidades indígenas que se chamam Waiwai e visões destas comunidades sobre si e sobre outros.” (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2006). Segundo Howard:

Atualmente o termo “Wai Wai” é utilizado para se referir tanto ao núcleo original como aos membros das aldeias agregadas, onde a língua Wai-wai predomina. No entanto, há contextos em que os habitantes dessas comunidades ainda apelam para as diversas identidades “tribais” secundárias, que se referir a aldeia natal, parentela, aliança de facção ou língua materna. (2002.p. 30 apud CAIXETA DE QUEIROZ, 2008, p. 206)

Essa mistura de etnias que é marcante no povo Wai Wai era uma estratégia de sobrevivência. Acontecia casamento entre indígenas de outras etnias para preservar a cultura. Assim, os filhos daquele casamento se tornam de uma única etnia, a etnia que predominava na comunidade. Cada “subgrupo” indígena possui pertencimento a um ou a outro povo podendo ser compreendido da melhor forma a partir de razões sociológicas, cosmológicas e históricas. (CARNEIRO, GAMA, 2020)

Acredita-se que o momento da colonização, como as de missionários, teve papel importante na formação e na “invenção” das “unidades culturais e sociais” conhecidos como Wai Wai e Katxuyana. (CAIXETA DE QUEIROZ, 2015). Entre o século XIX e o século XX, os Wai Wai viviam dispersos na fronteira do Brasil com a Guiana, nas cabeceiras dos rios Essequibo, Mapuera, Anauá e Jatapuzinho. Viviam antigamente em pequenas aldeias com 20 a 50 pessoas. (COMISSÃO PRÓ-INDÍO, 2020)

Antigamente os indígenas Wai Wai moravam em uma única casa comunal na aldeia, essa casa era dividida somente entre as famílias. As aldeias daquela época não costumavam durar muito tempo. (COMISSÃO PRÓ-INDÍO, 2020)

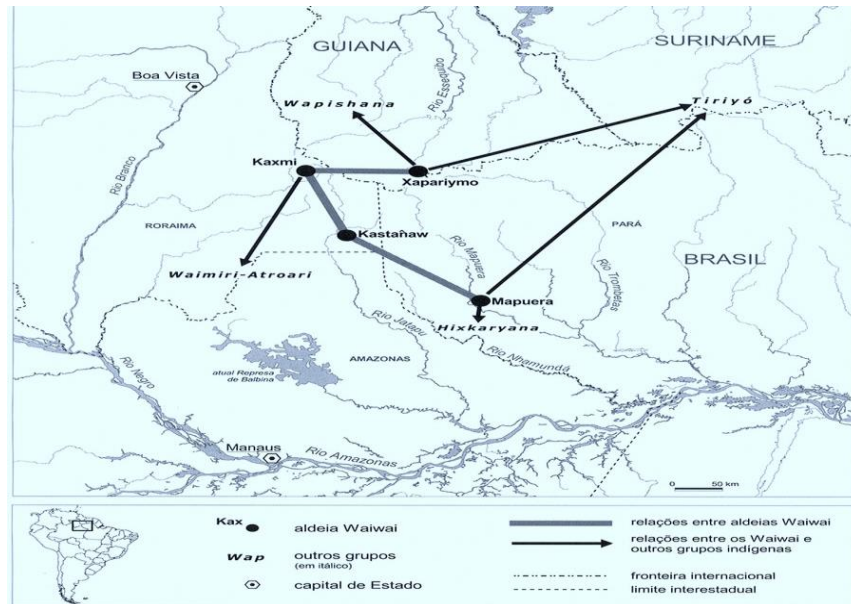
Geralmente em poucos anos, os indígenas abandonavam as aldeias por vários motivos como de escassez de recursos naturais, brigas entre os parentes, morte de um líder, novas lideranças e outros motivos.

Antes da chegada dos missionários, os Wai Wai praticavam rituais de pajelanças e outros rituais. O primeiro contato dos Waiwai, um grupo na Guiana Inglesa e no Brasil, com os missionários protestantes estadunidenses Unevangelized Fields Mission (UFM) foi nos anos 1950. Esses missionários instalaram um posto entre as aldeias Wai Wai do Essequibo onde passaram a acompanhar os Wai Wai em suas visitas a outras aldeias para “levar a Palavra” aos “Campos do Senhor”, fazendo o povo Wai Wai se converter à religião cristã, mais especificamente a Igreja Batista. (HOWARD, 2002, p. 30)

Acredita-se que os Wai Wai teriam quase sido dizimados pelas doenças trazidas pela colonização de missionários e pelas guerras tribais entre os Parukoto causado por causa das áreas/território, o que teria incentivado mais os casamentos como uma estratégia com outros povos como um meio de sobrevivência. Isso, fez com que os Wai Wai se aproximassem intensamente de outros povos da região visando arranjar casamentos, como os Mawayana, Katuena, Hixkaryana, Xereu, Tiriyo, Wapichana, dentre outros, entretanto, nem sempre os casamentos eram realizados com aprovação. Mais tarde, o casamento com mulheres desses outros povos se tornou comum. Assim, as aldeias se tornaram compostas por diversos grupos de etnias diferentes. Essa aproximação não se dava somente por uma consequência de um modo

de ser próprio dos Wai Wai. Mantinham relações de troca e amizade na região, comercializavam bens, animais como papagaios falantes, cães de caça, ferramentas como raladores de mandioca, e outros objetos.

Figura 2 – Mapa da rede de trocas Wai Wai (1985)



Fonte: Pacificando o branco – IRD Éditions – OpenEdition Books

Como vemos a imagem acima, “os Wai Wai já vêm participando ativamente de um vasto sistema de trocas intertribais por onde passam bens ocidentais e indígenas”. Com essas complexas relações com a sociedade dominante, em vez de abandonar a rede de trocas tradicional, expandiram essa rede de troca e formularam algumas de suas práticas tradicionais. (HOWARD, 2002).

Interligadas por redes de trocas, casamentos com outros povos, rituais e incursões guerreiras. Essa relação de troca interétnica se tornou a luz dessas noções de resistência. No entanto, o processo de fusão entre esses povos já existia com a chegada dos missionários. (HOWARD, 2002)

Ainda nos dias de hoje, a pesca, caça, coleta, venda de artesanatos e agricultura continuam presentes na vida dos Wai Wai como também os auxílios estatais como aposentadorias, bolsa família, bolsa de estudo. (COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO 1995-2020).

As habitações do povo Wai Wai passaram por mudanças ao longo do tempo, antes as famílias viviam todas juntas. Hoje elas são divididas por família. A *umaná* (casa grande) é utilizada somente para as festas e reuniões.

Aldeia Mapuera, é dividida por três “bairros”: bairro Katwena, bairro Waiwai, bairro Xerew. A *umaná* (casa grande) fica no centro da aldeia, aonde os indígenas desta aldeia se reúnem para comemorações e reuniões, há também uma escola de ensino fundamental que fica próximo a uma pista de pouso de aviões de pequeno porte, uma igreja Batista, postos de saúde e da FUNAI. As festas na aldeia são feitas de acordo com as datas comemorativas do calendários do *karaiwa* (não indígena), a estrutura de recepção dos visitantes *pawana* (visitantes) continua fundamental no desenvolvimento das festividades. (COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO 1995-2020)

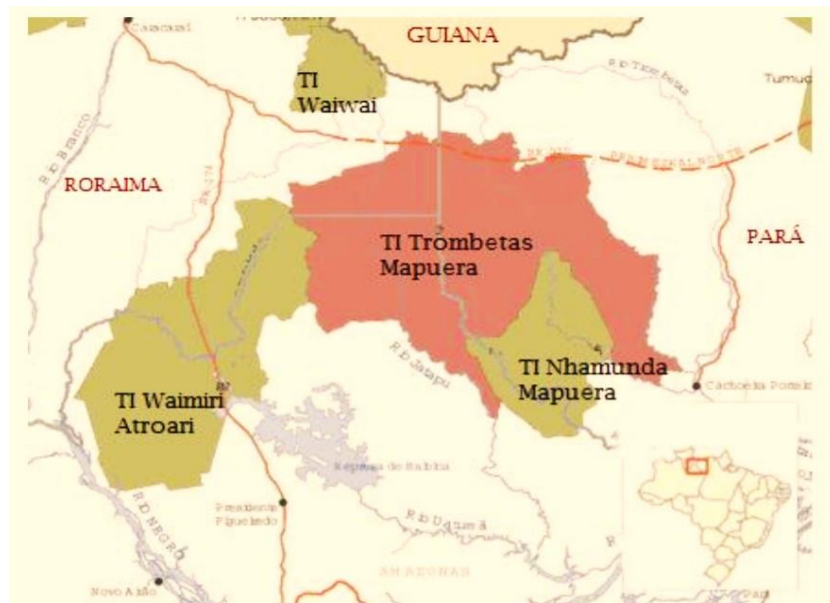
### **Localização do povo Wai Wai**

O povo Wai Wai vive na chamada Amazônia Setentrional, localizada no Brasil. Nós atualmente possuímos Três Terras Indígenas: Terra Indígena Nhamundá-Mapuera; Terra Indígena Trombetas/Mapuera e Terra Indígena Wai Wai.

A Constituição Federal de 1988 reforça o papel do Estado como responsável pela demarcação de terras indígenas. Em seu Art. 231 reconhece a organização social, costumes, línguas, crenças e tradições dos índios e os direitos originários sobre as terras que ocupam, sendo estas terras inalienáveis, indisponíveis e os direitos sobre elas imprescritíveis. A demarcação de nossas terras são as maiores conquistas que tivemos, temos três terras demarcadas onde crescemos, onde os nossos filhos e nossos netos crescem. A Constituição Federal de 1988 deixa claro sobre a responsabilidade da União na questão da demarcação e proteção, mas sabemos que isso não acontece, na prática.

As nossas terras têm muitas belezas exuberantes, os principais rios que passam por nossas terras são o Rio Essequibo na Guiana, os Rios Anauá e Jatapuzinho em Roraima, os Rios Jatapu e Nhamundá no Amazonas, e o Rio Mapuera no Pará. Nessas terras, existem vários povos indígenas como Katwena, Hixkaryana, Mawayana, Xereu, Tunayana, entre outros e os indígenas isolados, esses povos são pertencentes ao chamado complexo Cultural Tarumã Parukoto. Esse complexo abrange os estados do Pará, Amazonas e Roraima, como vemos no mapa abaixo, onde mostra a localização das T.I.s do povo Wai Wai com outros parentes. As Terras Indígenas Nhamundá/Mapuera e Trombetas/Mapuera são denominadas terras dos Wai Wai. (CARDOZO, VALE JUNIOR, 2012)

Figura 3 – Mapa com a Localização das três Terras Indígenas do povo Wai Wai



Fonte: Instituto Socioambiental. [www.isa.org.br](http://www.isa.org.br)

Segundo Silva (2017), o espaço onde é habitado pelos indígenas é considerado como a fonte da vida, de onde retiram o sustento de sua família e onde os ancestrais deixaram suas marcas. Para nós indígenas é de onde conseguimos suprir as nossas necessidades, é de onde tiramos o nosso sustento através da caça, roça e pesca e que dominamos ou controlamos, sabendo bem claro os limites do nosso território diante de outros grupos étnicos ou comunidades. É nesse lugar onde encontramos todos os materiais para a produção do *xkmari*.

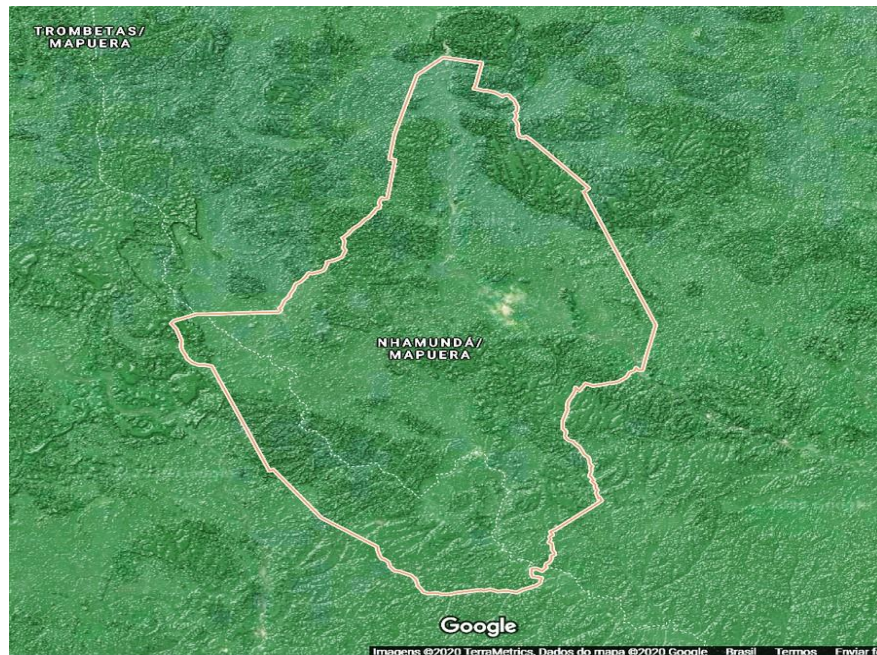
As Terras Indígenas Wai Wai são terras compartilhadas com outros povos indígenas, onde o tráfego é feito pelos rios de barco/voadeira e canoas para chegar até as aldeias por nós indígenas.

### 3.1 Terra Indígena Nhamunda/Mapuera

Terra Indígena Nhamundá/Mapuera está localizada nos estados do Amazonas e do Pará. É demarcada e homologada como posse permanente dos Wai Wai e de outras etnias como Hixkaryana, Kaxuyana, Katwena, Mawayana e Xereu, com a sua área territorial total de 1.050.000 hectares, composta por cinco aldeias: Nhamundá, Mapuera, Tamiurú, Pomkurú, Bateria. Com o total de 2.218 pessoas na Terra Indígena. (CARDOZO, VALE JUNIOR, 2012)

Na imagem abaixo, é o mapa da Terra Indígena Nhamundá/Mapuera, onde vivem um povo formado pela agregação e acolhimento de vários grupos distintos.

Figura 4 – Mapa da Terra Indígena Nhamundá/Mapuera



Fonte: Nhamundá/Mapuera - Google Maps.

A Terra Indígena Nhamundá/Mapuera é habitada por vários grupos indígenas falantes da língua da família karib, apenas a etnia Mawayana que não faz parte dessa família linguística, eles são do tronco linguístico arawak. Esta terra indígena é um complexo grupo pluriétnico e multicultural. (CARDOZO, VALE JUNIOR, 2012)

### 3.2 Terra Indígena Trombetas/Mapuera

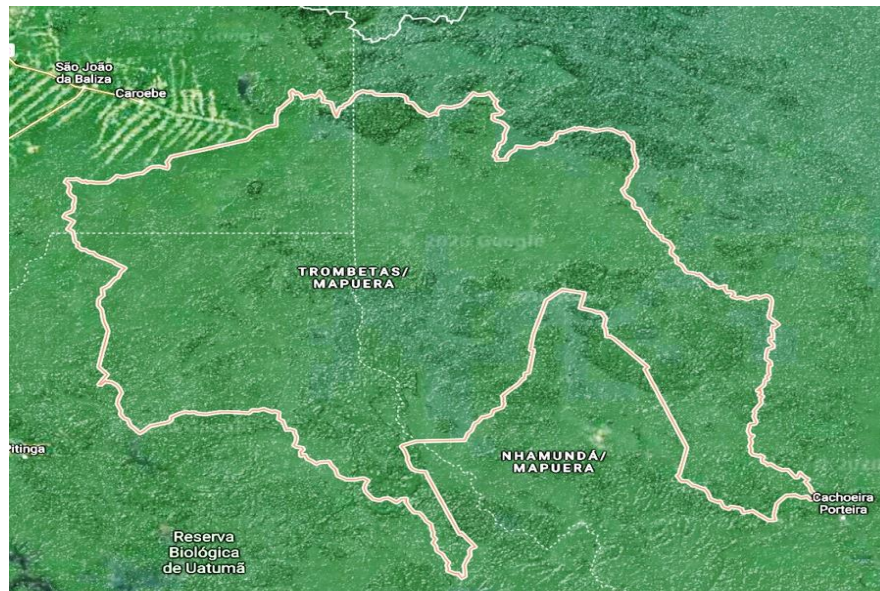
Nessa terra habitam vários povos indígenas de forma permanente e memorial denominado pelo antropólogo Protásio Frikel (1970) no chamado Complexo Cultural Tarumã/Parukoto (homenagem aos antigos povos indígenas Tarumã e Parukoto que habitavam as áreas próximas aos Wai Wai das então Terras Indígenas). (CAIXETA DE QUEIROZ, 2014)

O processo da demarcação da Terra Indígena Trombetas/Mapuera iniciou em 06 de novembro de 1988 pela Portaria 3633/87. A Terra Indígena-Trombetas/Mapuera, está localizado no extremo Sul de Roraima, no extremo Norte do Amazonas e a Noroeste do Pará, com uma área de 3.970.898 hectares e com uma cerca total de 500 pessoa. (CARDOZO, VALE JUNIOR, 2012)

A terra indígena é composta por seis aldeias: Kwanamary, Inajá, Placa, Cobra, Jatapuzinho, Katwal, Mapuera e Pomkuru. Ficaram de fora da área demarcada as aldeias: Takara: por estar na margem oposta do rio Mapuera; Mapiun, Passará, Yawará, Tawanã.

Na terra indígena Trombetas-Mapuera, habitam um complexo grupo pluriétnico e multicultural que foram forçados pelos acontecimentos históricos, onde se viram em uma situação de agrupamento e unificação.

Figura 5 – Mapa da Terra Indígena Trombetas/Mapuera



Fonte: Trombetas/Mapuera - Google Maps

A Terra Indígena Trombetas/Mapuera abrange as áreas da bacia hidrográfica do rio Jatapu, as cabeceiras do rio Nhamundá/Mapuera, as cabeceiras do rio Mapuera e partes dos afluentes da margem direita do alto rio Trombetas.

As aldeias ficam as margens do Rio Mapuera. De acordo com Carneiro e Gama (2020, p. 126) “Para ter acesso às aldeias deve-se viajar por esse rio. Porém, a viagem é um tanto desafiadora, pois, tal rio contém grande número de rochas e cachoeiras que tornam o tráfego difícil, principalmente no período de estiagem”.

O tráfego pelo rio Mapuera é perigoso pelo fato do rio estar cheio de cachoeiras. “São 82 cocheiras na extensão do rio, sendo as principais: Porteira, Escola, Paraíso, Égua, Caraná. Somente a aldeia Mapuera permite, além do acesso fluvial, o acesso por pequenas aeronaves, já que conta com uma pequena pista de pouso”. (CARDOZO e VALE JUNIOR, 2012, p. 20 e 21 *apud* CARNEIRO e GAMA, 2020, p. 126)

### **Terra Indígena Wai Wai**

A Terra Indígena Wai Wai foi homologada em 24 de junho de 2003, é a terceira terra indígena pertencente aos Wai Wai e outros grupos indígenas, fica localizada no Estado de Roraima, e atualmente conta com mais de 365 pessoas (CARNEIRO, GAMA, 2020)

Figura 6 – Mapa da Terra Indígena Wai Wai



Fonte: Wai Wai Terra Indígena - Google Maps

A figura acima, mostra o tamanho da outra Terra Indígenas pertencentes aos Wai Wai e outros grupos de indígenas. Essa T.I fica no estado de Roraima.

### 3.3 A diversidade das atividades realizadas pelos Wai Wai nas aldeias

O direito do usufruto exclusivo sobre as riquezas naturais de nossas terras é assegurado pela Constituição Federal de 1988 para nossa subsistência onde nós indígenas possamos nos reproduzir física e culturalmente. Os indígenas dependem da floresta para sobreviver, é da floresta que tiramos nossos alimentos para consumir na aldeia junto de nossas famílias. Nossas atividades dentro das aldeias são organizadas com divisão do trabalho entre mulheres, homens e crianças. Para realizar as nossas atividades é preciso conhecer a região onde vivemos: saber quais são as épocas de chuva e de seca; como é o comportamento de cada animal; qual é a época em que os frutos amadurecem; qual é o melhor período para preparar, plantar e colher os produtos da roça etc. As nossas atividades dentro das aldeias são especificamente voltadas para:

- Plantio de pimentas; Plantio de frutíferas;
- Colheita de alimentos

- Produção de cerâmicas, cestos e produção artesanatos;
- Comercialização dos produtos para vender nas cidades;
- Criação de aves tipo arara, papagaio e outros;
- Caça de animais: silvestres, queixada, paca, anta, macaco e outros animais; A atividade é feita exclusivamente para alimentação das famílias. Na aldeia dividimos o resultado da caçada com os vizinhos e parentes. A caça é uma atividade masculina realizada individual ou coletivamente e pode ser feita nas proximidades da aldeia, ou em lugares mais distantes.
- Pescar para subsistência. O peixe é um alimento importante para muitas populações indígenas, que conhecem e usam diferentes técnicas de pesca.
- Praticar a festa tradicional com dança e música tradicionais para o fortalecimento da cultura indígena.
- Plantio de banana, abacaxi, macaxeira, batata doce, cana, cará e a mandioca: da qual produzem beiju e farinha.

Juntos, mulheres, homens e crianças, somos responsáveis pela produção dos nossos alimentos, nossas ferramentas, pela preservação da floresta, dos rios, construção de nossas casas e de outros. Usamos nossos conhecimentos tradicionais para criação de nossas roças de modo que não possamos prejudicar o meio ambiente.

#### **4 RALADORES EM OUTRAS CULTURAS**

As primeiras evidências de raladores datam de milhares de anos. O objetivo do ralador é triturar, dividir e cortar os alimentos, principalmente a mandioca na aldeias.

Há evidências de que os raladores já existem a muitos anos. A pista mais antiga é de um ralador feito de mármore dolomítico da cultura kintampo 3.500 anos atrás na atual Gana. Há também evidências de um ralador grego de 400 a.C., citado no manuscritos do dramaturgo Aristófanes. Os raladores dos povos indígenas do Xingu e de outros povos eram feitos de tábua côncava incrustados com pedras de quartzo, outros de rochas ásperas com superfície irregular ou partes de árvores munidas de espinhos como a raiz aérea da palmeira paxiúba. Até a língua do pirarucu foi utilizado como ralador para ralar guaraná. Já na década de 1540, um ralador de queijo foi criado pelo François Boullier feito de estanho, similar aos raladores modernos. Jeffrey Taylor, reinventou o ralador, utilizando um ralo de metal de chuveiro com buracos mais afiados. (ANGELINI, 2015, p. 1 *apud* SILVA, 2020, p. 164).

Os indígenas Asurini utilizavam as raízes aéreas da palmeira paxiúba como ralador; os do Maranhão já era pedaço de madeira encravado com pedras e espinhas de peixes; os Tupinambás do litoral brasileiro tinham o mesmo processo de fabricação dos indígenas Maranhão. Existem outros indígenas como os Juruna do Mato Grosso e Pará que simplesmente empregavam casca de árvore com espinho. (CAVALCANTE, 2014)

Com tempo os raladores dos não indígenas se aperfeiçoaram acompanhando a evolução das técnicas gastronômicas, das tradições locais e da modernidade, alguns povos indígenas trocaram seu ralador tradicional pelo ralador do não indígena e tem aqueles povos indígenas que continuam utilizando e produzindo raladores tradicionais, onde passam de geração para geração para preservação e valorização de suas culturas repassados pelo seus antepassados. (COHN, 2001)

#### **4.1 Raladores indígenas e as formas de fabricação**

No Brasil existem vários tipos de raladores, eles são de suma importância para os povos indígenas; Com eles são ralados vários alimentos como a mandioca, o que denota a importância do ralador para os povos indígenas. Cada povo indígena tem sua própria maneira de produzir o ralador. Muitos povos indígenas preferem o ralador tradicional do seu povo por ser um objeto grande, de fácil manuseio e por causa da sua durabilidade do que o ralador elétrico do não indígena. Assim, sabemos que isso é do nosso costume e ajuda a preservar e valorizar a nossa cultura passada de geração a geração.

##### **4.1.1 O ralador do povo Ye'kuana**

O povo Ye'kuana habita as terras indígenas dos parentes Yanomami, são conhecidos como grandes navegadores, isso se dá pela sua sabedoria de navegar nos rios. São construtores de suas próprias canoas e praticam a produção de raladores de mandioca tradicional com lascas de pedra ou de metal em uma tábua. “Os raladores consistiam em uma tábua de cedro de 100 cm a 140 cm de comprimento e 40 cm a 50 cm de largura”. (CARVALHO FERREIRA, 2015, p. 35).

A produção da tábua de ralador se dava pela extração de tronco de cedro com machado, talhada na superfície exterior para incrustar os dentes pelas mulheres que “com paciência indefectível e ao longo de dias e dias diminutos fragmentos angulares de quartzo branco, de

jaspe verde e, sobretudo hoje em dia, de lata ou de zinco” (BARANDIARÁN, 1962, p. 3 *apud* CARVALHO FERREIRA, 2015, p. 35).

Antes da introdução de pedaços de latas ou zinco como dentes dos raladores, as Ye’kuana usavam o quartzo e o jaspe para a confecção das pontas afiadas como dentes dos seus raladores. Com introdução de novas matérias mais recentes, “tornaram o trabalho da mulher ye’kuana mais curto”. (CARVALHO FERREIRA, 2015, p. 36).

Depois do processo de incrustar todos os dentes na tabua é aplicado caucho silvestre *karimani* sobre a superfície do ralador para evitar corrosão da madeira pelo ácido da mandioca ralada. “Hoje em dia, o processo de fabricação desses raladores permanece o mesmo, mas agora são também fabricados raladores pequenos e vendidos aos brancos como peças de artesanato”. (CARVALHO FERREIRA, 2015, p. 36).

Figura 7 – Ralador do Povo Ye’kuana



Figura 8 – Raladores tamanhos diferentes



Fonte: Galeria Amazônica. <https://web.facebook.com/GaleriAmazonica> e Dayana Soares Araújo Paes 2017.

A figura acima, é um ralador feito pelo povo Ye’kuana. O raladores, assim como as miçangas, tornaram-se produtos de grande valor nas relações comerciais com os não-índios. Estes produtos passaram a ter grande aceitação nesse mercado e, hoje, estão entre os principais produtos na rede de troca e comercialização Ye’kuana. (PAES, 2018)

#### 4.1.2 O ralador do Povo Baniwa

Os Baniwa se autodenominam Walimanai (humanidade que povoa o mundo) são falantes da língua Aruak. (BENTES, 2011). Este povo habita a tríplice fronteira do Brasil com

a Colômbia e Venezuela, vivem em um complexo cultural de 22 povos indígenas diferentes, com aldeias localizadas por toda bacia às margens do Rio Içana e seus afluentes, além de comunidades no alto Rio Negro/ e em cidades como Manaus, Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira. (ARTE BANIWA, 2001).

O ralador ou *ada* como é chamado pelo povo Baniwa na sua língua é um utensílio produzido pelos homens do povo através do corte de um tronco de *adarunkunare* (árvore de terra firme) em vertical, talham os entes de ralador e em seguida, prepararam as pranchas para as mulheres colocarem os dentes. (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2002)

Os raladores são retangulares, eles têm uma superfície anterior plana que será fornecido com dentes; o ralador de mandioca é curvado no fogo e tem uma protuberância central (o “nariz” do instrumento - que será segurado entre as pernas).

Figura 9 – Ralador do povo Baniwa



Fonte: Galeria Amazônica. <https://web.facebook.com/GaleriAmazonica>.

Para sua confecção são usados a madeira e quartzo como podemos ver na imagem acima Figura 9. O ralador do povo Baniwa possui cerca de 51 cm de comprimento, com a largura de 22,5 cm e 3 cm de espessura da prancha. Este ralador é usado para ralar mandioca, a base alimentar das etnias indígenas do Alto Rio Negro e é vendido para outras etnias que não produzem este objeto como os indígenas Wanano.

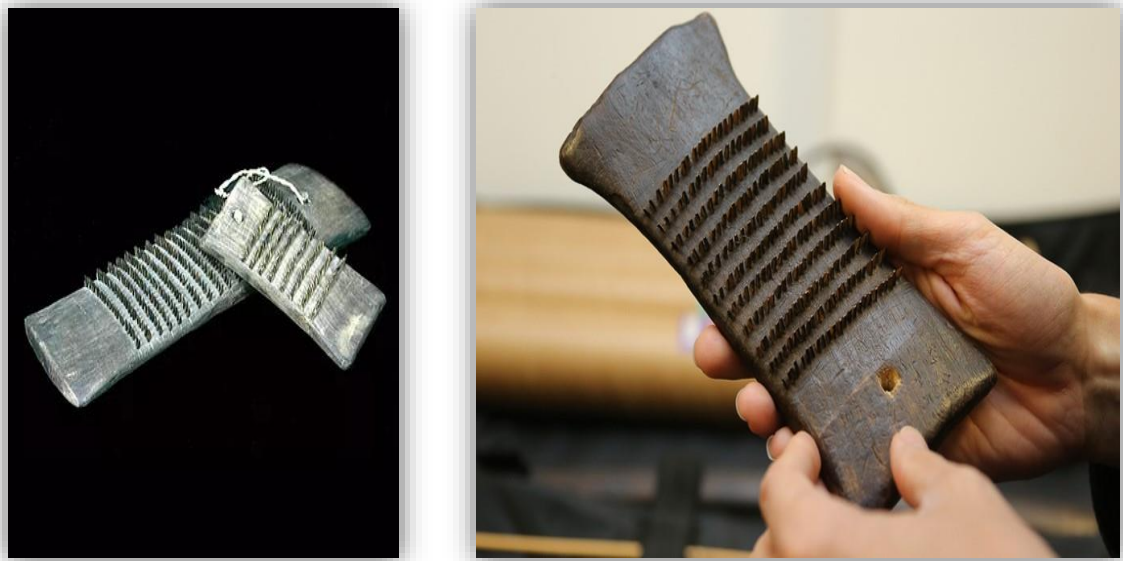
#### 4.1.3 O ralador do povo do Mehinako

Os Mehinako, são falantes da língua Mehinako, do tronco linguístico Aruak. Esse povo vive disperso em quatro aldeias chamadas de Utawana, Uyaipiuku, Kaupiuna e Aturua

(REGITANO, 2019). Essas aldeias estão à margem esquerda do rio Curisevo, um dos braços que formam o rio Xingu que está situado ao nordeste do estado do Mato Grosso na região conhecido como o Alto Xingu, que forma complexo pluriétnico e multilíngue situado na porção sul da TIX — Terra Indígena do Xingu, região fronteira do Planalto Central com a Floresta Amazônica. (REGITANO, 2019).

Os raladores desse povo são instrumentos usados por mulheres e crianças para ralar principalmente mandioca. A base é feita de madeira com incrustações de dentes de pedras. Como mostra a imagem abaixo Figura 10

Figura 10 – Ralador do povo Mehinako



Fonte: MAI. Museu de Arte Indígena e Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

Os raladores de Mandioca tradicionais são utensílios domésticos utilizados principalmente para ralar os alimentos nas aldeias onde ainda existe a prática da produção tradicional desses objetos.

#### 4.1.4 O ralador do povo Enawene-nawe(Anuak)

Os Enawene-nawe é um povo falantes da língua do tronco Aruak. Contam com uma população de mais de trezentos indígenas. São da Amazônia meridional brasileira. Sua única e grande aldeia está localizada às margens do rio Iquê, afluente do vale do rio Juruena que

ao formar o rio Tapajós na porção noroeste do Mato Grosso ocupa uma área de aproximadamente 742 mil hectares. (PIB, 2009)

O Ralador para este povo indígena é importante por ter a função de triturar tubérculos para retirar seus subprodutos, como a farinha, a tapioca e o tucupi.

Figura 11 – Ralador do Povo Enawenê-Naw



Fonte: GEH – Grupo de Estudos Históricos e Arte Canoa

Na imagem acima Figura 11, podemos ver que o ralador de mandioca Enawenê-Nawê é feito em prancha de madeira retangular contendo minúsculas pontas afiadas de pedras.

“O ralador Enawenê-Nawê é feito com duas madeiras. A madeira usada como base, mais leve e macia, é submersa na água até expandirem seus poros para que pedaços afiados de uma madeira mais dura sejam incrustados em sua superfície. Ao secarem, os poros voltam a se contrair, fixando os pequenos pinos. Ele é utilizado para ralar mandioca. A mandioca é uma das principais fontes de carboidratos para a maioria dos povos indígenas no Brasil. Com o ralador trituram o tubérculo para retirar seus subprodutos, como a farinha, a tapioca e o tucupi. (C.A.N.O.A., 2009)

O povo Enawenê-Nawê utiliza o ralador para ralar mandioca e milho que são duas das suas funções. Os que são produzidos em miniatura são feitos para ser um brinquedo para as crianças da aldeia.

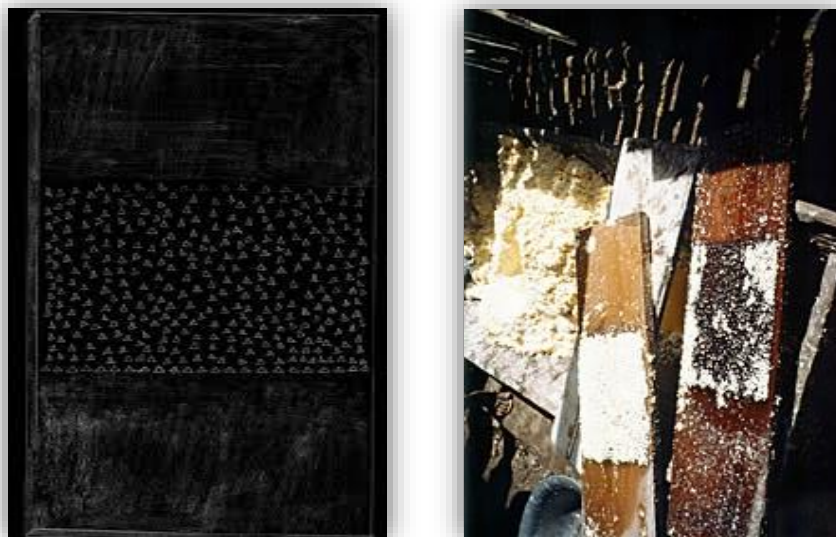
### **O ralador do povo Galibi Kali'na**

Os Galibi do Oiapoque são um povo falante da língua karib, além de língua creoula, um idioma a dotado por esse povo e por outros habitantes da região Uaçá em Oiapoque. A língua original é o Kali'na que é falada somente pelos mais idosos na aldeia. No Brasil, possuem uma aldeia, vivem à margem direita do rio Oiapoque, na aldeia São José. A aldeia desse povo fica a 30 minutos de barco da cidade de Oiapoque. (GARCIA, NETO e BASTOS, 2013).

Por produzirem farinha de mandioca em enorme quantidade, o ralador é um utensílio que não pode faltar para este povo e para os outros indígenas do Baixo Oiapoque.

O ralador, certamente, é o artefato mais valioso que pela sua manufatura e significado simbólico se destaca dos demais objetos utilizados para o processamento da mandioca. Ele é fabricado por poucos artesãos especialistas que trabalham por encomenda, revelando uma rede de relações de trocas dentro e entre as aldeias. (VIDAL, 2007 p. 41)

Figura 12 – Ralador de mandioca do povo Galibi Kali'na



Fonte: <https://institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2020/07/> e <http://oiapoque.museudoindio.gov.br/exposicao/oiapoque/>.

Este ralador Figura 12 é uma tabua de madeira, formado por fileiras de pontas de ferro bem afiado, incrustadas, seguindo desenho geométrico que otimiza a eficácia do ralador.

O ralador é feito de uma tábua de madeira, geralmente louro, lavrada em uma peça só. O ralo em si é formado por fileiras de pontas de ferro bem afiadas, incrustadas, seguindo um desenho geométrico que otimiza a eficácia deste artefato. Estas pontas são finas lascas, extraídas de velhas panelas de ferro, hoje encontradas apenas na Guiana Francesa. Esses objetos da época da escravidão serviam para a fabricação de rapadura e cozimento de alimentos. Atualmente, é

matéria-prima escassa, muito procurada pelos índios brasileiros. Eles compram este ferro aos pedaços e a um preço alto, em euros, o que aumenta ainda mais o valor real e simbólico do ralador. (VIDAL, 2007 p. 42)

A produção deste utensílio tão importante para os indígenas Galibi e para outros povos que utilizam esta ferramenta de acordo com Vidal (2007, p. 43) é:

Apoiando-se um pedaço de panela de ferro numa bigorna improvisada, como por exemplo um chassi de carro, quebram-se as lascas de ferro, pedacinho por pedacinho, guardando-as em uma lata. Para incrustá-las na madeira, faz-se um buraquinho com prego, coloca-se a lasca e bate-se com martelo em cima de um outro prego na horizontal, que protege a ponta da lasca e permite nivelar a sua altura de forma padronizada. No fim, usa-se o compasso para fazer um desenho de um dos lados da tábua que indica o sentido certo para o uso do ralador. Pode-se representar uma flor ou uma estrela. Uma vez conseguido um estoque razoável de lascas de ferro, gasta-se entre três e quatro dias para fabricar um ralador. Quando bem elaborado, pode durar entre quatro e cinco anos.

Isso mostra o grande valor que os raladores têm, onde percorriam longas distâncias passando de mão em mão de vários grupos indígenas.

## 5 RESULTADO DAS PESQUISAS DE CAMPO

A pesquisa teve como objetivo principal analisar o processo de confecção de raladores pelas mulheres indígenas da aldeia Mapuera. As ações dessa pesquisa foram muito proveitosas na aldeia, os dois meses de pesquisa me trouxeram conhecimentos que só essas anciãs sabiam, foi muito bom conversar e conhecer a história de cada uma das pesquisadas. Foram momentos de aprendizagem nesses meses que passei fazendo minha pesquisa na aldeia Mapuera. Chizzotti reforça sobre a relação dinâmica entre o pesquisador e os sujeitos:

Cria-se uma relação dinâmica entre o pesquisador e o pesquisado que não será desfeita em nenhuma etapa da pesquisa, até seus resultados finais. Esta relação viva e participante é indispensável para apreender os vínculos entre as pessoas e os objetos, e os significados que não construídos pelos sujeitos (CHIZZOTI, 2000, p. 84).

O ralador ou *xkmari* como é chamada na minha língua é um objeto muito utilizado pelo meu povo e por outros povos indígenas para ralar os alimentos.

Para esta pesquisa foram escolhidas as mulheres indígenas que fabricam os raladores na aldeia. Os resultados da pesquisa foram tabulados com base na avaliação dos questionários respondidos, os quais estão apresentados em forma de tabela para melhor visualização e compreensão. E a partir das observações feitas por mim na aldeia na Mapuera no mês de janeiro e fevereiro de 2019.

Escolhermos como participantes, as mulheres anciãs residentes da aldeia Mapuera que ainda confeccionam os raladores. Foram selecionadas sete indígenas que serão apresentadas em ordem alfabética.

Na tabela 1, serão apresentadas as informações sobre as mulheres indígenas que participaram da pesquisa.

Quadro 1 – Perfil das indígenas colaboradoras

Nome	Idade	Etnia	Aldeia
<b>Arlene Porihni Wai Wai</b>	70	Xerew	Mapuera
<b>Euza Patuwi Wai Wai</b>	52	Tiriyo	Mapuera
<b>Eliza Mooyo Wai Wai</b>	68	Wai Wai	Mapuera
<b>Francilene Kayawa Wai Wai</b>	70	Mawayana	Mapuera
<b>Iwoña Wai Wai</b>	45	Mawayana	Mapuera
<b>Maria Watkîwî Wai Wai</b>	75	Katwena	Mapuera
<b>Rosinete Kwarakwara Wai Wai</b>	56	Katwena	Mapuera

Fonte: Dados da pesquisa 2019

Podemos perceber que essas mulheres indígenas que fabricam os *xkmari* na aldeia são de etnias diferentes e todas já têm mais de 40 anos. Assim, vemos que quem fabrica os raladores na aldeia Mapuera são as mulheres mais velhas, elas que vão passando de geração em geração o que foi ensinado a elas. É um conhecimento que chamamos de tradicional, é repassado entre diferentes gerações. Atualmente há mulheres jovens que aprendem com suas *caacas* (avó) a confecção de *xkmari* na aldeia. Algumas meninas aprendem observando sua mãe ou sua avó paterna ou materna e outras já vão sendo ensinadas a praticar a produção do *xkmari*. Esse conhecimento tradicional é muito importante para nossa cultura. Acredito que poucos povos ainda produzem raladores tradicionais indígenas.

### 5.1 Análises das entrevistas individuais

As informações obtidas através das entrevistas individuais e observações direta com as mulheres indígenas na aldeia Mapuera, foram utilizadas de forma descritiva, com enfoque específico na produção do *xkmari*. A proposta da pesquisa foi descrever os detalhes relatados pelas mulheres indígenas, o papel delas, no processo e transmissão dos saberes culturais para novas gerações que contribuem para o fortalecimento dos traços identitários de nossa etnia.

Foram feitas 11 perguntas na língua Wai Wai para as anciãs que fizeram parte da pesquisa. As primeiras perguntas foram simples.

Quadro 2 – Questionário das perguntas para entrevistas

Perguntas
✓ Nome, Idade e Aldeia
✓ Quais os materiais necessários para produção de um <i>xkmari</i> ?
✓ Onde encontrar <i>xkmari</i> yepu (pé de ralador, madeira de ralador)?
✓ Quais são os metais utilizados para quebrar as rochas e lascar dentes?
✓ Onde conseguem obter saama (rocha)?
✓ Quanto tempo levam para se ter todos os materiais?
✓ Como é feito os furos no <i>xkmari</i> ?
✓ Qual o significado das linhas dos <i>xkmaris</i> ?
✓ Como são colocados os saama(dentes) no <i>xkmari</i> ?

➤ **Arlene Porihñ Wai Wai**

Arlene tem 70 anos e é da etnia Xerew. É registrada como Wai Wai. O pai e a mãe dela são Xerew. Ela me contou que viviam mudando de aldeia, já que os Xerew eram considerados como pessoas ruins pelas outras etnias porque eram acusados de praticar *eremu* (feitiçaria). Ela me contou que a família dela não era assim, não faziam isso e não praticavam feitiçaria. Até que um dia o Ewka, cacique do povo Wai Wai convidou a família dela para morar numa das aldeias Wai Wai na Guiana. De lá, todos da família dela decidiram mudar para a aldeia Mapuera permanentemente e ela relatou que aprendeu com sua mãe fazer *xkmari*, já que os Xerew já faziam isso há muito tempo. Hoje, todo o conhecimento que foi passado sobre a produção do *xkmari* pela família dela, ela repassa para as suas netas. Um conhecimento tradicional sendo repassado para nova geração e quem sabe para futura geração.

➤ **Euza Patuwi Wai Wai**

É uma senhora de 52 anos. Ela é filha de mãe Tiriyó e pai Tunayana. Ela foi registrada oficialmente como se fosse Wai Wai. Naquela época todos que viviam na aldeia Mapuera eram registrados como Wai Wai.

No depoimento que obtive sobre a vinda dela para Mapuera, ela me relatou que o pai era comerciante. Ele saía do Suriname trocando ferramentas dos *karaiwa* (não indígenas) com outros povos. Ele vivia viajando fazendo trocas de ferramentas dos não indígena com o povo Wai Wai na Guiana Inglesa, onde trocava facas, machados e outras ferramentas dos *karaiwa* pelos *xkmari* e outros produtos do povo Wai Wai. Após fazer muitas viagens de troca, o pai da Euza decidiu que viveria na Guiana Inglesa e levou toda sua família para lá morar.

Morando na aldeia Wai Wai na Guiana, dona Euza conheceu e casou-se com o marido que pertencia à etnia Wai Wai. Depois que casou-se com um Wai Wai, ela e toda família como os pais e os sogros decidiram ir viver na aldeia Mapuera, no Pará.

Euza me relatou que não sabia fazer *xkmari* porque povo dela não produzia raladores tradicionais. Assim, teve que aprender com a sogra dela, já que naquele tempo obrigavam as mulheres na aldeia a aprender a fazer seu próprio ralador para poderem ralar seus alimentos e não ficar dependendo do *xkmari* de outras pessoas na aldeia.

➤ **Eliza Moyo Wai Wai**

É uma senhora de 68 anos, ela pertence à etnia Wai Wai. O pai e a mãe de Eliza Moyo são Wai Wai. Ela viveu na Guiana e veio junto com os pais para morar na aldeia Mapuera.

Eliza me relatou que aprendeu a fazer o ralador com a mãe dela quando era crinaça. Contou que não só aprendeu fazer *xkmari*, com aprendeu a fazer também as cerâmicas e artesanatos Wai Wai.

➤ **Francilene Kayawa Wai Wai**

Tem 70 anos, pertence à etnia Mawayana, mas foi registrada como Wai Wai. Ela conta que povo Mawayana, a etnia dela, tinha várias aldeias pequenas. A sua antiga aldeia chamava-se de Xarmititho, o cacique dessa aldeia naquela época era o Mapepe, um homem que vivia viajando em busca de ferramentas como facão, machado entre outros para seu povo. Nessas viagens, ele conheceu e casou-se com sua esposa que pertencia à etnia Tunayana. Nas aldeias, como ela relatou, a maioria das mulheres sabia fazer os raladores. Toda mulher indígena nessas aldeias tinha que fazer seu próprio ralador para não ficar emprestando *xkmari* de outra mulher. Quando as famílias se mudavam para outras aldeias, elas deixavam raladores guardado nas casas para que os raladores tradicionais produzidos por elas pudessem durar 10 anos ou mais, se fossem bem cuidados de acordo com ela.

➤ **Iwoña Wai Wai**

Tem 45 anos, e pertence etnia Mawayana. Ela é a mais nova das mulheres indígenas que fazem raladores com quem fiz a entrevista. Ela veio para aldeia Mapuera junto com seus pais quando ainda era criança. O pai dela pertence a etnia Tiriyó e a mãe é Mawayana, mas foi registrada como Wai Wai.

Iwoña, cresceu na aldeia Mapuera. Ela me relatou que aprendeu com mãe dela a fazer o ralador. Sempre quando a mãe dela estava produzindo o *xkmari*, ela tinha muita curiosidade e ficava observando na hora da produção do ralador. Segundo Iwoña, ela aprendeu muito rápido a produzir o ralador, com duas semanas já sabia colocar bem direitinho os dentes de *xkmari*.

➤ **Maria Watkîwî Wai Wai**

Maria Watkîwî tem 75 anos, pertence à etnia Katwena. Ela é filha de pai e mãe Katwena, mas é registrada como Wai Wai.

Segundo Watkîwî, as mulheres da família dela foram consideradas as melhores produtoras de raladores de mandioca, já que ela e suas irmãs eram as únicas que faziam estes utensílios bem-feitos.

Um conhecimento repassado pela família dela. Agora ela não faz mais raladores por causa da sua idade.

➤ **Rosinete Kwarakwara Wai Wai**

Rosinete tem 56 anos e é da etnia Katwena, os pais dela são Katwena, mas foi registrada como Wai Wai. Segundo Kwarakwara, a família dela já sabia produzir raladores desde muito tempo, quando ainda eram “isolados”, ou seja, quando ainda não tinham contato com os *kariwa*.

Rosinete relatou que quando chegaram na Guiana, o *xkmari* era o único utensílio utilizado para os povos daquela região para ralar mandioca. Para ela, era muito trabalhoso fazer isso e não existiam outras ferramentas na aldeia onde ela viveu antes de morar na aldeia Mapuera.

## 5.2 Saberes e produção material: o *xkmari*

A importância arqueológica dos raladores de mandioca (*xkmari*) surge a partir da observação do uso do lascamento para a produção destes itens, particularmente dos “dentes de ralador” (*saama*). Os raladores tradicionais feitos por indígenas têm um processo de fabricação diferente dos não indígenas. É um processo que precisa de matérias da floresta e do rio como as rochas ou pedras que servem como dentes do ralador.

Para se fazer o *xkmari* são usado vários materiais e os desenhos usados na decoração possuem significados. Esses significados estão relacionados aos animais, de acordo com as anciãs para embelezar os raladores e às noções fundamentais da visão de mundo Wai Wai.

O processo de aprendizagem da produção do *xkmari* pode ser iniciado desde a infância ou depois, mas hoje em dia não é mais obrigatório como antigamente. Os *xkmari* são utensílios fundamentais para o povo Wai Wai. Através deles, vários tipos de alimentos são ralados. Além disso, os *xkmari* são um item de valor singular em extensas redes de troca no norte amazônico.

### 5.2.1 A fabricação dos *xkmari*

A seguir, descreverei sucintamente as técnicas no processo da fabricação do *xkmari*, o lascamento dos dentes de ralador líticos e inserção dos dentes do *xkmari* na prancha de madeira. Apresentarei as ferramentas, matérias-primas e habilidades de quem produz esse tipo de utensílio.

Figura 13 – Mãos de uma indígena fazendo ralador



Fonte: Pesquisa 2019/ foto: Otekmi Kunupira Wai Wai

Na aldeia Mapuera, a habilidade das mulheres indígenas para fazer o *xkmari* é importante para manter viva a cultura que foi repassada por gerações. A produção de um *xkmari*, porém, além das pedras para fabricação para fabricação dos dentes envolve uma série de outros materiais, majoritariamente perecíveis, como madeira, resina e pigmentos.

As ferramentas utilizadas na produção do *xkmari*, são matérias que auxiliam na hora da confecção. A seguir, mostraremos detalhadamente os procedimentos adotados para a produção dos raladores.

Figura 14 - Ferramenta utilizadas para lascas e para quebrar as pedras em pedaços grandes



Fonte: Pesquisa 2019. Foto: Otekmi. K. Wai Wai

Figura 15 - ferramentas utilizadas para fazer os furos para incrustar os dentes na tabua



Fonte: Pesquisa 2019. Foto: Otekmi. K. Wai Wai

As figuras acima mostram ferramentas que são importantes para iniciar a produção dos raladores. A primeira figura é um percutor para fazer os retoques e acabamento dos dentes de ralador. O percutor permite lascas as rochas e as transformar em dentes (*saama*) para colocar na tábua. A segunda figura acima é do percutor pesado que é usado para tirar lascas maiores que são posteriormente retocadas. A terceira e quarta figuras têm a mesma função. Essa função é para fazer furos na tabua de madeira. Um é comprido feito de ferro, muito usado pelas mulheres indígenas, e outra tem cabo de madeira e ponta de ferro, pouco usado pelas mulheres atualmente. Moyo (anciã) trouxe esta ferramenta da aldeia Kanashen que ficava localizada na

Guiana Inglesa. Ela ainda possui essa ferramenta de cabo de madeira para fazer furo na tábua que foi fabricado pelo pai dela.

### 5.2.2 Processo da fabricação do *xkmari*

Antes de começar produzir o *xkmari* as mulheres precisam preparar seus equipamentos e ter todos os materiais necessários. O ralador é um artefato precioso e se destaca dos demais objetos. Nessa parte, irei apresentar tanto a construção do *xkmari* quanto o processo de elaboração dos grafismos do *xkmari wai wai*.

O primeiro passo para iniciar a produção do ralador é ir à mata. E ali que vamos procurar a árvore para retirada da tábua. Essa árvore encontramos na terra firme, longe do rio e próximo das roças. O nome desta árvore é *xkmari yepu*

Figura 17 – Tronco árvore para fazer *xkmari*      Figura 16 – *Xkmari yepu* (arvore para fazer *xkmari*)



Fonte: Árvore *xkmari yepu*. Foto: Otekmi K. Wai Wai

Na Figura 16 acima podemos ver o *xkmari yepu* como é chamado pelo meu povo a árvore de onde é tirada a tábua para fazer os raladores. Na segunda Figura 17 é a foto do tronco no meio do mato. A árvore é derrubada, cortada e dividida com motosserra por homens transformando-se em pranchas ou tábuas. Depois de ficarem prontas, são levadas para aldeia onde é entregue às mulheres para a produção do ralador.

Figura 18 – As tábuas já prontas para serem utilizadas na produção do *xkmari*



Fonte: Pesquisa 2019. Foto: Otekmi K. Wai Wai

Depois de ter passado por todo esse processo, na Figura 18 vemos a tábua de madeira em formato retangular. A tábua precisa ser finalizada com a remoção das ondulações na prancha de madeira com uso de plaina manual, para não atrapalhar depois na hora de fixar os dentes na prancha.

De acordo com as Wai Wai o tamanho pode ser grande ou pequeno dependendo para qual vai ser a sua finalidade. O ralador grande tem cerca 65 cm de comprimento e 25 cm largura e o pequeno tem 40 cm de comprimento e 25 cm largura.

Os materiais usados para fazer os desenhos geométricos na tábua são: pincéis e lápis.

Depois disso, as mulheres indígenas iniciam a parte do desenho na tabua de ralador.

Figura 19 – Desenho não identificado na tabua



Figura 20 - Desenho do dente de jacaré na tabua



Fonte: Pesquisa 2019. Foto: Otekmi K. Wai Wai

Com a tábua na mão se inicia o desenho na prancha de madeira. Como podemos ver na primeira Figura 19 é uma linha fácil de se fazer, mas que demora para colocar os dentes. Essa linha não possui significados para o povo e chamado pelas Wai Wai de linhas paralelas. A segunda Figura 20, é chamado de linhas losangulares, é um desenho fechado e simples de incrustar dentes do *saama* de acordo com as anciãs. Os desenhos podem ser paralelos e losangulares de acordo com etnias. Nas aldeias, as linhas diferenciam, como no caso dos Xerew, Tiriyo, elas preferem fazer linhas paralelas. Outras etnias como os Wai Wai, Katwena, Maywayana preferem fazer linhas losangulares. Para essas mulheres, quanto mais simples os desenhos ou as linhas se termina mais rápido seguindo desenho fechado.

Significados:

- ❖ Linhas Paralelas, são linhas não identificados. Ou seja, não sabem o significado
- ❖ Losangulares, tem um significado na língua como dente jacaré (*watwa yoorî*).

Depois de terminar de fazer os desenhos, inicia-se a parte de incrustar os dentes na tabua do ralador. Os materiais utilizados para ser os dentes do ralador são rochas encontradas dentro dos rios Mapuera e no Kapuwini que é outro rio, tributários do Trombetas. Essas pedras são materiais não perecíveis.

Figura 21 – Rio Mapuera onde são encontradas as pedras para servirem de dente do *xkmari*



Rio Mapuera. Foto: Otekim K. Wai Wai

A Figura 21 mostra o local onde os homens mergulham para pegar blocos de pedra redondas no rio Mapuera. Para se chegar a este local, os indígenas levam cerca de 4 horas de motor de polpa ou de rabeta rio abaixo. Na imagem, podemos ver que o rio está cheio, nessa época os homens não mergulham por causa da sua profundidade. Eles só mergulham no período da seca quando o rio fica seco e menos profundo.

Do lado esquerdo do rio fica um lugar onde os indígenas Mawayana chamam de Porotowo (tem a ver com o macaco), os Wai Wai já dizem Marawica Kahxin e Xerew chamam de Marawica Kahxin. Esse local é muito frequentado por indígenas de diferentes etnias que vivem no rio Mapuera. Lá eles passam a temporada de férias, ou final de semana, com a família. No lado direito do rio tem um lugar onde é chamado de Marawica Kahxin (Cachoeira do Pacu).

As rochas coletadas nesses locais são lascadas para serem transformadas em dentes para *xkmari*. O *saama* é um nome utilizado pelo meu povo que significa rocha, isso refere se rocha somente para fazer dente de ralador. Para a produção de dentes de *xkmari* são utilizados só duas rochas.

Existem duas categorias de *saama* utilizado pelas mulheres para serem usadas como dentes no *xkmari*:

- ❖ Primeira é uma rocha chamada de *watwa yererî* (fígado de jacaré), isso é pelo fato de a pedra ser preta, de cor parecida com o fígado desse animal.

❖ A segunda é *yakwe yerexkuru* (biliar do tucano), é uma rocha avermelhada.

Durante a pesquisa de campo aprendi que essas rochas utilizadas para produzir os dentes do ralador possuem os próprios nomes na minha língua. No meu entendimento, acreditava que essas pedras se chamavam de *saama* (rocha). Obtive essas informações através de três mulheres indígenas pesquisadas.

Acredito que hoje em dia, muitos jovens não sabem o nome próprio dessas rochas. Todos conhecem na aldeia pelo termo genérico *saama*, só anciãos e anciãs sabem dizer o nome dessas rochas utilizadas para fazer o dente do *xkmari*.

Figura 22 – Rocha *watwa yereri* (fígado de jacaré)



Figura 23 – Rocha *yakwe yerexkuru*



Foto1: Otekmi K. Wai Wai/ foto 2: Camila Jacome

Na Figura 22, é uma rocha utilizada para fazer os dentes de ralador chamado *de watwa yereri*, encontrado no rio Mapuera. Segundo as indígenas, a rocha é preta e parecida com fígado de jacaré, elas dizem que essa pedra dá trabalho na hora de lascar para fazer os dentes do ralador. Na segunda Figura 23 está a rocha vermelha chamada *yakwe yerexkuru*, é a preferida das mulheres indígenas pelo fato de ser uma pedra que não dá muito trabalho na hora de lascar. Esse tipo de rocha é encontrada no rio Kapuwini, debaixo da cachoeira chamado Yaimo Kahxin (Cachoeira do Gavião), onde vivem os Kaxuyana e Tunayana. As mulheres fazem troca dessa pedra com *xkmari* pronto ou compram com dinheiro.

Abaixo apresento o processo do lascamento das rochas pelas indígenas com as ferramentas. As lascas da rocha, peça por peça, onde são transformadas, em pontas finas lascadas para serem colocados na tábua.

O etnógrafo Walter Roth relata como as indígenas Wai Wai fizeram a pedra se transformar em dentes de seus raladores de mandioca e descreve:

“... Sentada no chão, ela apoia a prancha longitudinalmente nas pernas estendido na frente e coloca uma lasca na margem da extremidade livre da placa, usando o mesmo canto do facão ao longo do gume. Ela vai, com um golpe forte no centro, ela vai fraturar a lasca em um número variável de fragmentos. Destes últimos, apenas alguns serão adequados para seu propósito, e destes poucos, um ou talvez dois pode ter o formato necessário, pronto para ser cravado na prancha imediatamente, enquanto outros podem exigir aldegaçamento ou que sejam feitos em forma mais pontiaguda. Para fazer isso ela pressiona com segurança o fragmento lítico sob a unha do indicador esquerdo, cobrindo com tudo aquela porção que ela deseja reter, e deixando exposto o que é não requerido. Este último ela então pulveriza com um golpe de seu facão. Assim, ela consegue limitar o fragmento lítico a qualquer tamanho ou formato desejado. O objetivo dela é obter cada peça lítica com forma piramidal com dois lados opostos mais largos (mais planados) do que os outros” (Roth 1924, 279)

Figura 24 – *Caaca* (anciã) Eliza lascando pedra *watwa yereri*



Fonte: Pesquisa 2019. Foto: Otekmi K. Wai Wai

Figura 25 – *Caaca* (anciã) Tuku su lascando pedra *yakwe yerexkuru*



Foto: Camila Jacome

Depois de quebrados em pedaços pequenos, os dentes vão sendo guardados em uma cuiá, vaso ou em panelas de alumínio e cestos. As lascas são divididas entre grandes, médias e pequenas.

Figura 26 – Cuiá com dentes para ralador



Figura 27 - Panelas de alumínio com dentes para ralador



Panela com dentes do ralador. Foto: Otekmi K Wai Wai

Na Figura 26 podemos ver dentes já prontos para serem encrustados na tabua. Na Figura 27 vê-se uma lata e uma panela grande com pedras ainda um pouco grande e bem no meio delas ver uma vasilha de alumínio com dentes de ralador já prontos.

O ralador é formado por fileiras de pontas de pedra bem afiadas, incrustadas, seguindo um desenho geométrico que otimiza a eficácia do *xkmari*. Usa-se lápis para desenhar na tábua o quadriculado que indica a coloração da ponta de rochas.

Figura 28 – Ralador com linhas paralelas sendo incrustado



Incrustando dentes no ralador. Fotos: Otekmi K. Wai Wai

Figura 29 – Ralador com linhas losangulares sendo incrustado



Pesquisa 2019. Fotos: Otekmi K. Wai Wai

Para incrustá-las na madeira faz-se um furo pequeno com ferro ou com ponta de ferro afiado com cabo de madeira, coloca-se a lasca e bate-se com cuidado com o ferro que é usado para fazer os furos na tábua. Os desenhos feitos na tábua, auxiliam na hora de incrustar os dentes.

Trabalhando todos os dias gasta-se cerca de duas semanas para fabricar um *xkmari*, mas se não for assim, pode levar meses para ficar pronto.

Figura 30 – *Xkmari* com dentes incrustados

Pesquisa 2019. Foto: Otekmi K. Wai Wai

Na Figura 30, acima, podemos ver um *xkmari* com os dentes incrustados. Nessa imagem observa-se que as linhas do desenho somem depois de todos os dentes incrustados. Depois dessa parte, inicia-se a etapa de finalização com aplicação da resina para deixar todo ralador avermelhado.

A resina é extraída de uma árvore chamada na língua waiwai de *osohku* e *okoropo* (não sabemos o nome dessa árvore em português). Para tirar a resina, os indígenas fazem um corte com terçado no tronco, e depois desse corte sai a resina branca e em seguida é coletado com uma panela velha. Essa resina é pegajosa e a árvore é encontrada em área de terra firme.

Figura 31 – Rute extraindo Resina do pé de *osohku*Figura 32 – Árvore *osohku*

Pesquisa 2019. Foto: Otekmi Kunupira Wai Wai

Na Figura 31 acima podemos ver a árvore onde uma indígena está coletando a resina. Essa tem frutos, mas os frutos não são comestíveis. Na primeira imagem, vê-se cortes e acredito que outros indígenas também retiram a resina nesta mesma árvore. Em seguida é feito uma mistura dessa resina com o urucum.

Na língua do meu povo *onomto* significa urucum. O urucum é utilizado para fazer a mistura com a resina que é um líquido branco que é retirado da árvore. Quando é misturado, ela fica vermelho como podemos ver na segunda imagem abaixo

Figura 33 – Urucum



Figura 34 – Resina misturado com urucum



Pesquisa 2019. Foto: Otekmi Kunupira Wai Wai.

Depois dessa mistura da resina com urucum, as mulheres indígenas fazem uma nova mistura, mas essa é feita com *mîna yarî taknîso* (folha de ubim queimada) para a tinta ficar preta para fazer o desenho no *xkmari*.

Figura 35 – folha de ubim



Figura 36 – ubim queimada



Figura 37 – Mistura de ubim com resina



Fonte: Pesquisa 2019. Foto: Otekmi Kunupira Wai Wai

Depois de todo esse processo, o *xkmari* está pronto! Quando um ralador é bem feito, pode durar mais que oito anos, depois disso os dentes começam a cair. Os desenhos têm vários significados como peixe, cachorro, lagarto.

Um desenho de um dos lados da tábua, indica o sentido certo para o uso do ralador. Os geométricos podem representar vários tipos desenhos de animais.

Os indígenas também fazem para vender ou trocar com *karaiwa* ou com outras etnias que não fabricam raladores.

Figura 38 – *Xkmari* Wai Wai

Fonte: Pesquisa 2019. Foto: Otekmi Kunupira Wai Wai

Na Figura 38, podemos ver o ralador já feito pronto para ser utilizado. Este desenho no *xkmari*, é chamado *paxki yemeknu* (mão da cutia) de acordo com algumas anciãs entrevistadas e só é feito depois de passar por todo o processo que foi mostrado nesta pesquisa. O desenho pode ter significado diferentes para outros *yana*. Vimos que para fazer um *xkmari* é usado vários materiais na hora de sua produção e essa produção demora para ficar pronto. Mostramos como é feito as imagens usadas na decoração.

As mulheres indígenas, as mais velhas, têm um papel importante na transmissão dos saberes. As indígenas do meu povo são exímias fabricantes de beijos, *yemutu* (bebida grossa feita com suco de fruta e goma de tapioca) e farinha de mandioca. Nem todas as mulheres sabem fazer *xkmari*. A mulher indígena tem forte expressão em todas as atividades desenvolvidas na aldeia, ou seja, ligado à vida e ao cotidiano da aldeia.

Principalmente, a parte do trabalho na produção dos alimentos. Existe uma relação de parentesco entre as mulheres que ensinam e as que aprendem.

## 6 CONCLUSÃO

Diante dos resultados obtidos e das observações feitas através desta pesquisa, foi possível compreender que a cultura do povo indígena como hábitos, costumes e tradições são valores compartilhados apreendidos desde gerações antigas e transmitidas para novas gerações. Assim, podemos perceber que algumas indígenas ainda têm a tradição na produção de raladores tradicionais.

O trabalho desenvolvido descreve a produção do *xkmari* (ralador) feito pelas mulheres indígenas que vivem na aldeia Mapuera. Um trabalho que considero muito importante. Pelo que observei, este utensílio é muito usado pelo povo para ralar diversos alimentos e principalmente a mandioca de onde vem a farinha que faz parte da alimentação do povo. A mandioca é o alimento que não pode faltar, de acordo com os indígenas. O *xkmari* ajuda na hora ralar alimentos para as festas do povo e entre outros.

Percebeu-se que um trabalho tão significativo requer uma organização, matérias-primas e ferramentas disponíveis para sua produção. A maioria das matérias-primas é retirada da floresta pelos indígenas. A produção dos *xkmari* é feita por mulheres indígenas, a maioria já idosas. Poucas mulheres têm interesse e essas que tem interesse aprendem em duas semanas ou mais. Mesmo sendo poucas mulheres que produzem, muitos indígenas na aldeia Mapuera possuem esta ferramenta, uns compram ou fazem trocam com algum objeto do interesse de quem faz o *xkmari*.

Certamente, o *xkmari* é uma das ferramentas preciosas, ele se destaca dos demais objetos utilizados na aldeia por ser possível transportar com mais facilidade para qualquer lugar que se vá e durar bastante quando é bem feito e bem cuidado. Cada ralador possui um significado simbólico estampado e são produzidos para uso do povo, também são vendidos para outros indígenas e não indígenas.

A cultura indígena brasileira deixa de ser uma herança pouco valorizada para representar uma contribuição fértil e promissora para a sociedade brasileira e para toda a humanidade (GARCIA, 1994).

## REFERÊNCIAS

**ACERVO ISA.** O ralador de mandioca: povos indígenas do Uaca, Oiapoque, estado do Amapá, 2000. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/o-ralador-demandioca-povos-indigenas-do-uaca-oiapoque-estado-do-amapa>. Acesso em 21 de janeiro de 2021.

ANGELINI, Fábio. Na cozinha tem história: ralador. **Revista Sociedade da mesa.** jul., 2015. Disponível em: <http://revista.sociedadedamesa.com.br/2015/07/na-cozinha-tem-historiaralador/> . Acesso em: 16 janeiro de 2021.

ARTE BANIWA. **Cestaria de arumã.** São Gabriel da Cachoeira - São Paulo, 2001. Disponível em: [https://www.artebaniwa.org.br/ba\\_niwa2.html](https://www.artebaniwa.org.br/ba_niwa2.html). Acessado em 16 de janeiro de 2021.

BARANDIARÁN, Daniel de. **Actividades vitales de subsistencia de los índios Ye'kuana o Mariquitare.** In: Antropologica, Fundación la Salle de Ciencias Naturales, Instituto Caribe de Antropología y Sociología, V. 11, p. 29, Caracas, 1962.

BENTES, Sunny Petiza Cordeiro. **Etnoentomologia Baniwa:** estudo dos insetos na concepção dos povos Baniwa que vivem na cidade de São Gabriel da Cachoeira-Amazonas, Brasil. 2011. Disponível em: <https://btdt.inpa.gov.br/handle/tede/1237>. Acesso em: 18 fevereiro de 2021.

CARNEIRO, Denise de Souza, & GAMA, Klyssya Cristhie Castro. (2020). **Língua Wai Wai e língua Portuguesa no contexto urbano:** a situação sociolinguística dos Wai Wai que migraram para Santarém/PA. *Revista Brasileira De Linguística Antropológica*, 12(1), 117–138. <https://doi.org/10.26512/rbla.v12i1.30145>. Acesso em: 16 de janeiro de 2021.

CARVALHO FERREIRA, E.. **Beleza e Perigo:** domínio, maestria e tradição cesteira yekuana. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Minas Gerais.

CARDOZO, Ivaneide Bandeira; VALE JUNIOR, Israel Correa do. (org.). **Etnozoneamento da porção paraense das terras indígenas Trombetas-Mapuera e Nhamundá-Mapuera.** Porto Velho. EDUFRO, Editora da Universidade Federal de Rondônia, 2012. Disponível em: <https://ideflorbio.pa.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/Etnozoneamento-da-Por%C3%A7%C3%A3o-Paraense-das-Terras-Ind%C3%ADgenas-Trombetas-Mapuera-e-Nhamund%C3%A1-Mapuera.pdf>. Acesso em 19 de novembro de 2020.

CAVALCANTE, Messias S. **Comidas dos Nativos do Novo Mundo**. Barueri, SP. Sá Editora. 2014, 403p. ISBN 9788582020364

CAIXETA DE QUEIROZ, Rubens. 2015. **Cosmologia e história Waiwai e kaxuyana**: sobre os movimentos de fusão e dispersão dos povos (Yana). In: ANDRADE, D. F. G. L. M. M. de (Org.). **ENTRE BRAVAS E MANSAS ÍNDIOS E QUILOMBOLAS EM ORIXIMINÁ**. 1 ed. São Paulo: Comissão Pró-índio de São Paulo & Iepé, 2015. Disponível em: [https://cpisp.org.br/wp-content/uploads/2016/09/CPISP\\_pdf\\_EntreAguasBravaseMansas.pdf](https://cpisp.org.br/wp-content/uploads/2016/09/CPISP_pdf_EntreAguasBravaseMansas.pdf). Acesso em: 12 de outubro de 2020.

CAIXETA DE QUEIROZ, Rubens. **Olhares e perspectivas que fabricam a diversidade do passado e do presente**: por uma arqueologia etnográfica das bacias dos rios Trombetas e Nhamundá. Anuário Antropológico [Online], v.39 n.2/ 2014, p. 161-200. Disponível: <https://doi.org/10.4000/aa.1285>. Acesso em: 12 de outubro de 2020

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**/ Antônio Chizzoti. 4. Ed – São Paulo: Cortez, 2000 – (Biblioteca da Educação. Serie 1. Escola: v 16). Disponível em: [http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-1/2SF/Claudio/5Pesquisas\\_em\\_Ciencias\\_Humanas\\_Sociais.pdf](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-1/2SF/Claudio/5Pesquisas_em_Ciencias_Humanas_Sociais.pdf). Acesso em: 22 de janeiro de 2021.

COHN, Clarice. **Culturas em transformação**: os índios e a civilização. São Paulo em perspectiva, v. 15, p. 36-42, 2001.

DUARTE Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

ENAWENÊ-NAWÊ. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Enawen%C3%AA-naw%C3%AA&oldid=58832714>. Acesso em: 22 julho de 2020.

FARABEE, W.C. 1924 The Central Caribs, In: University Museum, Anthropological Publications 10. Philadelphia: University of Pennsylvania. MÜLLER, Regina Pólo. **Os Asurini do Xingu**: história e arte. Campinas: Unicamp, 1993.

FRIKEL, Protásio. 1970. “**Os Kaxuyana**: notas etno-históricas”. Publicações Avulsas (Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém), 14.

FUNASA-Fundação Nacional de Saúde 2011 – **DSEI Oriximiná**. Disponível em: <https://ideflorbio.pa.gov.br/wpcontent/uploads/2015/09/EtnozoneamentodaPor%C3%A7%C3%A3o-Paraense-das-Terras-Ind%C3%ADgenas-Trombetas-Mapuera-e-Nhamund%C3%A1Mapuera.pdf>. Acesso em: 19 de novembro de 2020.

GALLOIS, D. T. **Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas**: exemplos no Amapá e norte do Pará. São Paulo: Iepé, 2006

GARCIA, Laymert dos Santos; GRUPIONI, Luiz Donizete Benj (Org). **Índios do Brasil**. Brasília: MEC, 1994.

GARCIA, S. P.; NETO, Z. A. de A.; BASTOS, C. M. C. B.. **Os indígenas e suas relações na fronteira Oiapoque/Guiana Francesa**. Simpósio Nacional de História, XXVII, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antônio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 06 de outubro de 2020.

HARTMANN, Thekla. **Cultura material e etnologia**. São Paulo. Revista do Museu de São Paulo Nova Série. v.23, p.179-197, 1976.

HONORATO DE OLIVEIRA, V.E. **Shatters among sherds**: a study of lithic assemblages of the upper Tapajós river. Dissertação de Mestrado, Institute of Archaeology, University College London, Reino Unido, 2015.

HOWARD, C.V. A domesticação mercadorias: **Estratégias Wai Wai**. In: Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico/ organizadores BruceAlbert e Alcida Rita Ramos. - SãoPaulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002. ISBN 85-7139-355-9

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Os indígenas no Censo Demográfico 2010**: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Rio de Janeiro: IBGE. 2012.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil: **Povo**: Waiwai. São Paulo: ISA, 2006. Disponível em: <https://piib.socioambiental.org/pt/Povo:Waiwai>. Acesso em: 26 de out. de 2020. Acesso em: 21 de janeiro de 2021

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil: **Povo:** Baniwa. São Paulo: ISA 2002. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Baniwa>. Acesso em: 15 de março de 2021

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil: **Povo:** Enawenê-nawê. São Paulo: ISA 2009. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Enawen%C3%AA-naw%C3%AA>. Acesso em: 16 de março de 2021

Jornal da Usp. Cultura - USP **coloca a arqueologia brasileira no dia a dia das escolas**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/usp-coloca-a-arqueologia-brasileira-no-dia-a-dia-das-escolas/>. acesso em: 21 de janeiro de 2021

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia:** uma introdução. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MATTOS, C. L. G. de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. 2011. SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 06 de outubro de 2020.

PEREIRA, L. M.; OLIVEIRA, J. E. de. **Ñande Ru Marangatu:** laudo antropológico e histórico sobre uma terra Kaiowa na fronteira do Brasil com o Paraguai, município de Antônio João, Mato Grosso do Sul. Universidade Federal da Grande Dourados, 2009. Dourados: Editora UFGD, 2009. Disponível em: [http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/fch-ufgd/20170919033426/pdf\\_97.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/fch-ufgd/20170919033426/pdf_97.pdf). Acesso em 26 de outubro de 2020.

PAES, D. S. A. **Arte indígena:** miçangas na cultura Ye'kuana. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteiras) - Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufr.br:8080/jspui/bitstream/prefix/240/1/Arte%20ind%C3%ADgena%3A%20mi%C3%A7angas%20na%20cultura%20Ye%27Kuana>. Acesso em: 15 de março de 2021

Roth, W. E. **1924 Um estudo introdutório das artes, ofícios e costumes dos índios da Guiana**. In: Trinta e Oitavo relatório anual do Bureau of American Ethnology para o Secretário da Smithsonian Institution 1916-1917. Washington: United States Government Printing Office

**RALADOR DE MANDIOCA FEITO DE MADEIRA- ENAWENÊ.** C.A.N.O.A. Centro de Artes Nativas Originárias das Américas. Disponível em: <https://artecanoa.com/produtos/ralador-de-mandioca-feito-de-madeira/>. Acesso em: 16 de janeiro. de 2021

**RALADOR.** Revista Sociedade da Mesa - Clube de Vinhos. Disponível em: <https://revista.sociedadedamesa.com.br/2015/07/na-cozinha-tem-historia-ralador/>. Acesso em: 16 de janeiro 2021

REGITANO, Aline de Paula,. "**Cuida direitinho**": cuidado e corporalidade entre o povo Mehinako. 2019. 1 recurso online (172 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e University of St. Andrews, Campinas, SP.

SEVERINO.,A. J. **1941 - Metodologia do trabalho científico.** 23. Ed. Rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3480016/mod\\_label/intro/SEVERINO Metodologia do Trabalho Cientifico 2007.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3480016/mod_label/intro/SEVERINO_Metodologia_do_Trabalho_Cientifico_2007.pdf). Acesso em: 11 de outubro de 2020.

SILVA, C. C. **Transformações socioespaciais das comunidades indígenas Ye'kuana e Sanumã na região de Auaris-Roraima.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2017.

SILVA, Regiane Caldeira da. "**O trabalho aqui é igual cantiga de passarinho: de segunda a segunda**" - mulheres na produção do bolo de arroz em Mato Grosso. 2020. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos (UFSCar), 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12824>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2021

SOENTGEN, Jens; HILBERT, Klaus. **A QUÍMICA DOS POVOS INDÍGENAS DA AMÉRICA DO SUL.** Quím. Nova, São Paulo, v. 39, n. 9, pág. 1141-1150, novembro de 2016. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-40422016000901141&lng=e](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-40422016000901141&lng=e). Acesso em 23 de janeiro de 2021.

VIDAL, L. B. **Povos Indígenas do Baixo Oiapoque:** o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver. Rio de Janeiro: IEPÉ - Museu do Índio, 2007. v. 1. 197p. Disponível em: [https://www.institutoiepe.org.br/media/livros/livro\\_povos\\_indigenas\\_do\\_oiapoque-baixa\\_resolucao.pdf](https://www.institutoiepe.org.br/media/livros/livro_povos_indigenas_do_oiapoque-baixa_resolucao.pdf). Acesso em: 10 de março de 2021

**WAIWAI In:** Comissão Pró-Índio de São Paulo. Disponível em: <https://cpisp.org.br/quilombolas-em-oriximina/indios-e-quilombolas/povos-indigenas/waiwai/>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Aldeia: \_\_\_\_\_

**1. Quais os matérias necessárias para produção de um *xkmari*?**

---

---

**2. Onde encontrar o *xkmari yepu*(pé de ralador, madeira de ralador)?**

---

---

**3. Quais são os metais utilizados para quebrar as rochas e lascas dentes?**

---

---

**4. Onde conseguem obter *saama*(rocha)?**

---

---

**5. Quanto tempo levam para se ter todos os materiais?**

---

---

**6. Como é feito os furos no *xkmari*?**

---

---

**7. Qual o significado das linhas dos *xkmaris*?**

---

---

**8. Como são colocados os *saama*(dentes) no *xkmari*?**

---

---



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**REITORIA**  
**SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS**  
**BIBLIOTECA CENTRAL RUY BARATA**  
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS**

**1. Identificação do autor**

Nome completo: Otekmi Kunupira Wai Wai

CPF: 024.007.192-17      RG: 7058754      Telefone: (93) 98416-4086

E-mail: otekmiwaiwai93@gmail.com

Titulação recebida: Wai Wai, Otekmi Kunupira

Seu e-mail pode ser disponibilizado na página de rosto?

(X) Sim      ( ) Não

**2. Identificação da obra**

( ) Monografia (X) TCC ( ) Dissertação ( ) Tese ( ) Artigo científico ( ) Outros: \_\_\_\_\_

Título da obra: O Xkmari Wai Wai: Produção de raladores pelas anciãs na aldeia Mapuera

Programa/Curso de pós-graduação: Programa de Antropologia e Arqueologia Data da conclusão: 09 / 09 / 2021.

Orientador: Vinicius Eduardo Honorato de Oliveira

E-mail: vinicius.oliveira@ufopa.edu.br

Co-orientador: \_\_\_\_\_

Examinadores: Vinicius Eduardo Honorato de Oliveira

Camila Pereira Jácome

Igor Morais Mariano Rodrigues

**3. Termo de autorização**

Autorizo a Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) a incluir o documento de minha autoria, acima identificado, em acesso aberto, no Portal da instituição, na Biblioteca Ruy Barata, no Repositório Institucional da Ufopa, bem como em outros sistemas de disseminação da informação e do conhecimento, permitindo a utilização, direta ou indireta, e a sua reprodução integral ou parcial, desde que citado o autor original, nos termos do artigo 29 da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Essa autorização é uma licença não exclusiva, concedida à Ufopa a título gratuito, por prazo indeterminado, válida para a obra em seu formato original.

Declaro possuir a titularidade dos direitos autorais sobre a obra e assumo total responsabilidade civil e penal quanto ao conteúdo, citações, referências e outros elementos que fazem parte da obra. Estou ciente de que todos os que de alguma forma colaboram com a elaboração das partes ou da obra como um todo tiveram seus nomes devidamente citados e/ou referenciados, e que não há nenhum impedimento, restrição ou limitação para a plena validade, vigência e eficácia da autorização concedida.

Santarém, 10 / 12 / 2021.

Assinatura do autor

**4. Tramitação**

Secretaria / Coordenação de curso

Recebido em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_. Responsável: \_\_\_\_\_

Siape/Carimbo